

IDENTIDADE NARRATIVA E SÍNTESE DO HETEROGÉNEO

Maria Lucília Marcos

A identidade pessoal é trabalhada, em *Soi-même comme un autre* de Paul Ricoeur, como um conceito de relação, composta por uma forma de conservação no tempo e uma forma mutável irreduzível à mesmidade. O “carácter” e a “constância da palavra dada” são os dois modelos estudados – um, como exemplo de recobrimento entre identidade-*idem* e identidade-*ipse* e o outro como afastamento entre essas duas formas de identidade.

Por outro lado, a reversibilidade na interlocução provoca que um interlocutor compreenda no “tu” que lhe é dirigido um “eu”, do mesmo modo que dirá “tu” para que o outro entenda “eu”. A capacidade de auto-designação e de designação do outro pressupõem a capacidade recíproca.

Nessa medida, a inter-acção torna-se interna, interiorizada ao nível da competência adquirida – pode-se agir solitariamente, mas jogando com regras recebidas do exterior. A identidade pessoal resulta da combinatoria sempre única de aprendizagem e de inovação.

A alteridade não é exterior à *ipseidade*, pertence, por direito e de facto, à sua constituição dialógica. A designação de si do locutor está afectada pela palavra do outro. A escuta integra também a locução.

Cada pessoa tem uma história singular, sofrendo, ao longo da vida, mudanças que a afectam – a identidade pessoal determinada pela temporalidade refigura uma “problemática inteira” que, afirma Ricoeur

(1990:138), só a teoria narrativa pode enquadrar devidamente. A dialéctica da *ipseidade* e da mesmidade encontra aí uma centralidade efectiva, a que a questão da “permanência no tempo” oferece os termos de confronto adequados.

Com efeito, pergunta Ricoeur, haverá “uma forma de permanência no tempo (que) se deixe associar à questão “*qui?*” enquanto irreduzível à questão “*quoi?*”? Uma forma de permanência no tempo que seja uma resposta à questão “*qui suis-je?*” (p. 143). Os modelos já citados – o carácter e a fidelidade – orientam a reflexão posterior de Ricoeur.

A hermenêutica do *soi* será, então, construída sob três orientações:

1. Primado da mediação reflexiva sobre a posição imediata do sujeito (do *soi* sobre o *je*);
2. Dissociação no termo *même* de duas significações de identidade: *idem* (indicando permanência no tempo) e *ipse* (não implicando um núcleo imutável);
3. A *ipseidade* joga numa dialéctica de *alteridade*.

Estes três traços de análise são atravessados por quatro questões: “quem fala? quem age? quem narra? quem é o sujeito moral de imputação?” (“*qui parle? qui agit? qui se raconte? qui est le sujet moral d’imputation?*”). Todas as asserções relativas à problemática do *soi* serão, assim, introduzidas pela questão “quem?” (“*qui?*”), conferindo Ricoeur a mesma amplitude à interrogação e à resposta (1990: 28).

A equívocidade das significações de “identidade” acentua-se na consideração da temporalidade como factor determinante, uma vez que o núcleo não mutável da personalidade coexiste com modalidades variáveis, fazendo hesitar a sinonímia entre “mesmo” e “idêntico” que, neste quadro, deve ser reservada para a identidade-*idem* e não para a identidade-*ipse*. Esta é constituída pela alteridade num grau tão íntimo que justifica a implicação: na expressão “*soi-même comme un autre*”, “como um outro” vale por “enquanto outro” (“*soi-même en tant que ... autre*”) (p. 14).

As sugestões da gramática são, neste estudo de Ricoeur, complementadas com desenvolvimentos filosóficos que transcendem os particularismos idiomáticos de cada língua. A querela do *Cogito* permite perceber como a hermenêutica do *soi* se situa a igual distância da apologia e da destituição do “eu penso” ou, dito de outro modo, para além do ritmo de oscilação entre uma sobre-estimação e uma sub-estimação do “eu”.

Ao longo de um estudo cerrado, passando por diferentes tipos de questionamento – da semântica à pragmática, da teoria narrativa à ética, terminando com uma interrogação ontológica – Ricoeur afirma que não existe um “eu” isolado, antes considerando que a atribuição a “outro” é tão primitiva como a atribuição a si próprio. “Eu não posso falar de modo significativo dos meus pensamentos, se não posso, ao mesmo tempo, atribuí-los potencialmente a um outro que não eu” (1990: 52).

Por carácter, entende “o conjunto das marcas distintivas que permitem identificar um indivíduo humano como sendo o mesmo” (p. 144), ou “o conjunto das disposições duráveis pelas quais (*à quoi*) se reconhece uma pessoa” (p. 146). A sedimentação confere ao carácter uma espécie de permanência no tempo que se traduz no recobrimento entre *ipse* e *idem* – o “traço do carácter” permite reconhecer e identificar uma pessoa. A tal ponto que o carácter parece ser o “*quoi*” do “*qui*”, não como uma exterioridade, mas como um deslize entre “*qui suis-je?*” e “*que suis-je?*”.

Deslize, recobrimento, mas não coincidência ou impossibilidade de distinção. A identificação funciona no jogo inovação-sedimentação, uma vez que o carácter possui uma história, “contraída em dois sentidos: (o de) abreviação e (o de) afectação” (p. 148). A sedimentação contrai e a narrativa pode justamente ‘re-desenvolver’.

A promessa, ou a fidelidade à palavra dada, é a figura emblemática de uma forma de identidade polarmente oposta à do carácter. Ricoeur utiliza dois termos próximos para exprimir essa oposição: fala em “*persévérance*” do carácter e em “*persévérance*” na fidelidade à palavra dada. Manutenção do carácter e constância na relação – manter uma promessa parece constituir um desafio ao tempo, uma denegação da mudança, em que *ipseidade* e mesmidade deixam de coincidir e em que se dissolve a equivocidade da noção de permanência no tempo.

O “intervalo de sentido” (da ordem da temporalidade), assim aberto, pode ser preenchido, na opinião de Paul Ricoeur, pela noção de “identidade narrativa” que oscila precisamente entre esses dois limites – o da confusão de *idem* e de *ipse* e o da separação entre essas duas formas de identidade. Daí decorre o (grande) contributo da teoria narrativa para a compreensão da constituição do *soi*.

A “*mise en intrigue*” – como modelo específico de conexão entre acontecimentos – permite integrar na permanência do tempo o que parece ser da ordem da diversidade, da variabilidade, da descontinuidade e da instabilidade; permite engendrar a dialéctica do personagem. A identi-

dade do personagem é construída, nesta perspectiva, em ligação com a construção da intriga.

Em *Temps et Récit*, a identidade no plano da intriga tinha sido caracterizada em termos dinâmicos “pela concorrência entre uma exigência de concordância e a admissão de discordâncias que, até ao termo da narrativa (*clôture du récit*), colocam em perigo essa identidade” (1990: 168). “Configuração” é o nome atribuído por Ricoeur à arte de composição que faz mediação entre concordância (“agenciamento de factos”) e discordância (“revezes da fortuna”). A “configuração”, ou “síntese do heterogéneo”, explicita a oposição entre a dispersão episódica da narrativa e a potência de unificação da própria *poiésis*, define o acontecimento narrativo (que participa, assim, da estrutura instável entre concordância e discordância) e inverte o efeito de contingência em efeito de necessidade narrativa. A operação narrativa desenvolve, pois, um conceito original de identidade dinâmica que concilia as categorias, tradicionalmente contrárias, de identidade e diversidade.

O personagem, “aquele que faz a acção na narrativa”, releva da mesma categoria que a própria intriga da acção e a sua identidade compreende-se por transferência sobre ele da operação de *mise en intrigue* primeiramente aplicada à acção narrada – tal é a tese sustentada por Ricoeur.

Vladimir Propp, em *Morphologie du conte*, autonomizara as “funções dos personagens”, os segmentos recorrentes da acção, a fim de definir o conto pelo seu encadeamento. Para apreender a unidade sintética da cadeia, tentara igualmente definir uma “tipologia dos papéis” (também recorrentes) desempenhados pelos personagens. Essas duas ordens não são independentes, elas cruzam-se, sob um ponto de vista lógico, em “esferas de acção”. A questão que coloca Ricoeur incide na possibilidade de uma génese mútua entre o desenvolvimento de um carácter e o de uma história narrada, génese da qual procederia a intriga.

O “modelo actancial” de Greimas radicaliza, justamente, a correlação entre intriga e personagem, num nível ainda anterior a qualquer manifestação figurativa. A noção de “actante” subordina a representação antropomórfica do agente à sua posição de operador de acções ao longo do percurso narrativo (Ricoeur, 1990: 13). O modelo empírico dos personagens trabalhado por Propp é substituído por um modelo de categorias que decorre das relações possíveis entre actantes em direcção da combinatoria das acções. Entre as estruturas profundas e o plano figurativo, Greimas concebe algumas noções que, insiste Ricoeur, só ocorrem numa

“concepção narrativa da coesão íntima da vida”: a noção de “programa narrativo” e a noção de “relação polémica” entre dois programas (de onde resulta a oposição entre “sujeito” e “anti-sujeito”). Este estudo confirma que qualquer acção é interacção e competição entre projectos ora rivais, ora convergentes.

É precisamente a dialética concordância / discordância que atravessa o personagem que pode ser inscrita na dialética mesmidade / *ipseidade* determinada pela questão da permanência no tempo. Pelo primeiro polo (*idem*), simbolizado pelo fenómeno do carácter, Ricoeur pretende dizer o que identifica (e reidentifica) a pessoa. Pelo segundo (*ipse*), simbolizado pela manutenção da palavra, pretende afirmar um comportamento que justifique que o outro possa ‘contar’ com essa pessoa, que ela possa ser responsável e responsabilizada pelas suas acções perante um outro. Pelo problema da identidade, “a teoria narrativa inflecte-se em teoria ética” (p. 195).

Ricoeur define ética como o desejo e a vontade de “uma vida boa realizada, com e pelos outros, em instituições justas”. A ética tem, assim, um género optativo e não impositivo – implica o eu e o outro, um outro com rosto e um outro institucional que permite o funcionamento da justiça. “A ética como *souci de soi*, como *souci de l'autre* e como *souci de l'institution*”, numa correlação indiscernível entre o elemento reflexivo, o elemento da alteridade e o elemento institucional.

A acção humana é sempre um agir sobre um outro que experimenta (sofre) a minha acção e é nesa estrutura que advêm as ocasiões de exercício da violência. Essa ameaça assenta na dissimetria entre agente e paciente que se pode expressar em violência física visível (tortura, violação, assassinio, ...) ou em captação/destruição da vontade do outro (pela lisonja, pela mentira, pela astúcia, ...).

A narratividade é um tipo de estrutura de transição (entre as estruturas linguísticas e práticas, por um lado, e a ética, por outro) que permite dominar e atravessar a multiplicidade de papéis. Um sujeito que se reúne narrativamente é capaz de se manter, de dar testemunho, eticamente. “O *souci* da identidade narrativa é, sem o dizer, um *souci* ético” na medida em que se trata do problema da reconstituição de uma personalidade fiável, para o próprio e para o outro.

Pelo exposto, Ricoeur entende que a *ipseidade* apresenta uma dimensão ética, não comparável com a do polo da mesmidade. O termo “responsabilidade” serve para significar a relação definida pelas expectativas que a palavra trocada – mais propriamente, a promessa – cria no

outro. “Onde estás tu?” e “Eis-me aqui!” representam essa dimensão ética alicerçada na permanência do *soi*. A identidade narrativa, ao narrativizar o carácter, confere movimento às aquisições sedimentadas e, nessa medida, situa-se entre a pura mesmidade e a *ipseidade*.

A hermenêutica do *soi* resulta, então, do encadeamento entre as três problemáticas enunciadas:

1. A abordagem indirecta da reflexão pelo desvio da análise;
2. A determinação da *ipseidade* pelo contraste com a mesmidade;
3. Seguida de uma segunda determinação pela dialética com a alteridade.

A interpretação de si, estudada em *Soi-même comme un autre*, coincide com o desenvolvimento dessa tripla mediação. Trata-se de perceber a identidade inscrita no tempo – dimensão ausente no *Cogito* que se anunciava, que se auto-anunciava, aquém e além da temporalidade. Como se a performatividade da linguagem constituísse, por si só, a certeza da sua verdade intemporal.

A identidade narrativa, constitutiva da *ipseidade*, possibilita a fuga ao dilema do “mesmo” e do “outro”, na medida em que repousa sobre uma estrutura temporal dinâmica. O sujeito aparece como leitor e escritor da sua própria vida, refigurando-a como tecido de histórias narradas, clarificando-a pelos efeitos catárticos das narrativas, históricas e fictícias, veiculadas pela cultura. A *ipseidade* é a de um *soi* instruído pelas obras da cultura que se aplicou a si próprio, retorno decorrente das obras realizadas e das histórias contadas na constituição da identidade individual e colectiva – noção que combate a imediatez auto-evidente do “eu penso”.

A inovação semântica produzida pela narrativa consiste, pois, na invenção de uma intriga que é uma obra de “síntese do heterogéneo”: a diversidade dos fins, das causas, dos acasos é reunida sob uma unidade temporal de agir e sofrer. A narrativização da identidade inventa deslocamentos e coerências no meio disperso da vida vivida. A síntese do heterogéneo é, aqui, uma síntese da subjectividade em termos de *ipseidade*. Por isso, a reflexividade indecomponível do eu do “eu penso” cartesiano é uma ilusão. Nunhum sujeito se atinge na absoluta e espontânea imediatez. A mediação das operações languageiras, da acção, da narrativa e da imputação moral é constitutiva do retorno pelo qual o sujeito se apreende. Através de percursos fragmentários e complementares, o eu vai abrindo o campo hermenêutico onde se designa interpretativamente como um *soi*.

Sem evidência an-histórica, mas sempre por iniciativa, nunca última, de pensar o agir e o sofrer, a acção e o sofrimento.

Ricoeur recorre, assim, à teoria narrativa para integrar a dicotomia (que ele sabe ser artificial) entre *idem* (carácter) e *ipse* (manutenção de si, na e apesar da temporalidade, na fidelidade à promessa) e, desse modo, ultrapassar as aporias da identidade. O papel da narrativa seria o de fazer a mediação entre a descrição do carácter e a prescrição moral em que o *soi* se afirma.

A autobiografia, espécie do género biográfico, é uma modalidade de intriga narrativa, permitindo tornar visível uma certa prática de escrita. Pensar o “sujeito” é pensar também o modo como ele próprio se pensa e organiza as marcas de heterogeneidade – terreno propício à especulação e ao estabelecimento sempre *a posteriori* de nexos de causalidade.

É possível encontrar dois tipos de autobiografia, como memórias escritas e encenadas: um modelo *egológico*, procurando a relação do *ego* ao sentido e à verdade, centrado nas certezas da consciência e na pretensa coincidência do sujeito da enunciação e do sujeito do enunciado e um outro modelo construído na base da auto-diferenciação relacional e não numa coreografia individualizante. Este segundo modelo não pretenderia a singularidade da diferença absoluta, fruto de uma manipulação discursiva, mas, antes, utilizar os níveis do discurso para descrever “as incertezas e errâncias da identidade pessoal”, tendo como fundo a actividade de comunicação.

Neste segundo modelo, a autobiografia deve narrar os elos de ligação entre *compagnons de route* e a consolidação do eu pessoal por referência a ..., na diferenciação dos seus atributos. A sinceridade auto-biográfica deve integrar e reintegrar influências, relações, amores e ódios. A pessoa é um devir e não um conjunto de qualidades inatas ou adquiridas definitivamente. O primeiro modelo, inautêntico, deveria dar lugar a formas possíveis de subjectividade sempre solidárias das suas formas discursivas.

Um exemplo: a autobiografia de François Jacob, Prémio Nobel da Medicina em 1965, *La Statue Intérieure*, parece cumprir esse segundo modelo. Nas suas páginas, assistimos a um desenvolvimento da identidade do autor, motivado pelos acontecimentos e pelas pessoas que marcaram o seu próprio percurso. Muitos “outros” dançam no texto, muitos são os pontos de fuga para futuros diversos, muitas são as relações afectivas, profissionais ou de ocasião:

“Esta estátua, modeliei-a toda a minha vida. Retoquei-a incessantemente. Afinei-a, poli-a. Aqui o martelo e o cinzel são encontros e combinações. Ritmos em desordem. Folhas que se afastam de um capítulo para entrar num outro no calendário das emoções. Terrores evocados por aquilo que só é doçura. Uma necessidade de infinito que surge nos acordes de uma música. Todas as emoções e os constrangimentos, as marcas deixadas por uns e por outros, pela vida e pelo sonho. Assim, não hospedo em mim um personagem ideal com o qual me confronto incessantemente. Eu contenho também toda uma série de figuras morais, de qualidades perfeitamente contraditórias, que a minha imaginação vê sempre prontas a serem meus parceiros em situações e diálogos gravados na minha cabeça desde a minha infância ou minha adolescência. Para todos os papéis deste reportório possível, para todos os usos que me rodeiam e me tocam directamente eu tenho assim actores prontos a dar réplica em comédias e tragédias escritas em mim desde longa data” (pp. 24-25).

Enfim, um percurso de *bricoleur*, um “jogo dos possíveis”, uma “lógica da vida”.

Bibliografia

- AAVV – 1975, *Sens et existence. En hommage à Paul Ricoeur*, Paris, Seuil.
———, 1994, *Éthique et Responsabilité. Paul Ricoeur*, Boudry-Neuchâtel. Langages, Baconnière.
JACOB, François, 1987, *La Statue Interieure*, Paris, Odile Jacob, Seuil.
JACQUES, Francis, 1982, *Différence et Subjectivité*, Paris, Aubier Montaigne.
RICOEUR, Paul, 1983, *Temps et Récit*, Paris, Seuil, 3 vol.
———, 1990, *Soi-même comme un autre*, Paris, Seuil.